



REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NA PEREGRINAÇÃO AFRICANA TRADICIONAL¹

■ CLAUDE RIVIÈRE

UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA

PARA PASCAL O HOMEM É UM *ROSEAU PENSANT*, ISTO É, UM SER FRÁGIL QUE DOMINA A MATÉRIA PELO PENSAMENTO. O ESPAÇO PARA ELE É O QUE PERMITE CONSTRUIR A EXTERIORIDADE, A NOÇÃO CAPITAL DAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS INTERIORES QUE SE CONSTITUEM EM REALIDADES EXTERIORES FANTASMÁTICAS. É A CRENÇA QUE FABRICA O SAGRADO E QUE O DETERMINA COMO REVELAÇÃO. UMA HIEROFANIA NÃO É A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO EM SI, MAS A CRENÇA NO FATO DE QUE UM SER (PESSOA, OU OBJETO) RECRIA SIMBOLICAMENTE UM OUTRO SIGNIFICADO, UMA CONSISTÊNCIA ONTOLÓGICA QUE ACREDITAMOS TER. ORA, NÃO HAVERIA PEREGRINAÇÃO SEM A CRENÇA NA MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO, NUM ESPAÇO DETERMINADO, O LUGAR SENDO SACRALIZADO PELO SUPOSTO INVESTIMENTO DE UMA DIVINDADE E CONCEBIDO COMO CENTRO GERADOR DE BENEFÍCIOS.

Quando falo de espaço, não se trata somente de uma relação concreta, física, com ele, feita de práticas e de deslocamentos, ou de uma fenomenologia do espaço vivido, mas de um imaginário no qual entram os estereótipos da civilização e os valores ligados à identidade e à diferenciação social (lugar principal da fraternidade islâmica, ou de grupo étnico, residência de um profeta valorizado pelas suas curas milagrosas). É a identificação ou a comunicação psico-sociológica com os habitantes e com os visitantes do lugar da peregrinação que é valorizada, enquanto na residência habitual, o espaço é visto de preferência em função de sua racionalidade funcional (habitat, campos de cultivo, propriedade, divisão espacial dos clans.) O lugar de enorme codificação ideológica, de rico imaginário, difere do lugar destinado à residência, rico em imagens e hábitos, mas comportando códigos sociológicos.

O lugar de peregrinação é imaginado inicialmente pelo peregrino. Uma vez conhecido, ele fica na memória; mas memória e imaginário não são como se pensa muitas vezes, fabricantes de réplicas enfraquecidas do real. Eles designam o lugar de afetos e deixam cair num certo esquecimento a variedade de lugares de passagem transitória e sem interesse; tornam magníficos o que foi fotografado pelos olhos e pelo coração no momento de uma espécie de dança no espaço físico e social para tomá-lo sob variados ângulos, porque o espaço nunca é homogêneo e unificado como a luneta arrojada do geógrafo abrangendo uma paisagem. Na realidade, não vemos uma paisagem, nós a construímos mentalmente através de séries e de alguns pontos de vista.

Entre o aqui e o outro lugar, como entre a habitação principal e a residência secundária, o homem tende a desenvolver seu espaço. Na peregrinação

também há construção de pelo menos dois pólos temporários: o lugar profano do habitualmente vivido e o lugar sagrado de um excedente salutar mitificado. Entre os dois se situa a peregrinação, uma série de lugares, ou, mais que isso, um conjunto de situações vividas (ou para viver). Na peregrinação não se opera um desdobramento do lar, como nas residências secundárias, mas se cria uma distância percorrida entre um polo de vida material onde deficiências (necessidades, desejos) se fazem sentir, e um polo de ordem espiritual no sentido da ordem religiosa que é considerado cheio de aspirações para uma melhoria de vida.

Com relação ao espaço familiar do cotidiano, o espaço do rito, onde a peregrinação alcança seu apogeu, é visto como cena teatral onde se desempenham outros papéis diferentes dos que representamos em casa. O rito funciona assim como fator de integração religiosa, como legitimador de crenças, como hierarquizador de poderes, valores e prioridades, como mobilizador de energias e como momento de exaltação. E a participação ritual faz com que o lugar seja, ele mesmo, incluído na intensidade do ato religioso: Ó Jerusalém! Roma cidade eterna, Lourdes grotta-matriz virginal, Toubá substituta da Meca inacessível para o pobre mouro.

A transição entre os dois polos (residência *versus* lugar sagrado) não constituiria em si um terceiro polo? Não seria o mesocosmo no qual se inscrevem todas as possibilidades ligadas ao movimento? O trajeto linear da viagem se diferencia de todas as maneiras do trajeto concêntrico, localizado, reconhecido, a partir de um lugar de residência e em torno dele, porque o itinerário da peregrinação implica vários momentos de exceção, de mudanças

temporárias de modo de vida, dos limiares, obstáculos e sonhos do percurso.

A peregrinação opera uma modificação mental do espaço nesse afrontamento do desconhecido. Simultaneamente favorece o questionamento dos sentidos das coisas e se desdobra em apelo à alteridade: o hóspede na etapa da viagem, um semelhante com acesso ao lugar santo, mas também receoso da diferença do outro (receio da não adaptação, receio da rejeição, *pathos* da solidão.) A peregrinação garante o desabrochar de uma inserção no espaço. A mudança de localização produz uma mudança de situação social.

A força motriz da peregrinação a pé na África é a confiança de que o homem se transforme ao final num ser melhor. Entretanto, ele se acompanha de um medo da experiência do espaço na medida em que pesa a incerteza de encontrar um refúgio protetor no caminho. Essa é a diferença da peregrinação africana ou medieval das viagens programadas de peregrinos transportados por avião a hotéis seguros próximo ao lugar sagrado.

Uma alienação espacial pode ser substituída por outra alienação espacial no itinerário, consistindo em não ter outras margens senão o próprio lar (encerrado no microcosmo rural) pelo pânico do lugar desabitado, fobia de uma terra estranha pelo fato de ser desconhecida. A terra do outro (*alienus*) é uma terra alienante porque o estrangeiro aqui não tem nenhum direito, salvo quando é reconhecido pelos pastores que seguem seus rebanhos em transumância. Os marxistas incluiriam, talvez, uma terceira forma de alienação espacial que também é religiosa: o investimento imaginário no lugar do desejável. O homem se despossui dele mesmo quando, no lugar do rito intenso, se dá como subida ao Deus

na peregrinação iniciática, trata de seus males e doenças na peregrinação terapêutica ou se entrega à efervescência sociável na peregrinação comemorativa. Mas quem, no amor, não pratica esta agradável alienação ?

Pela visita ao lugar santo se opera uma reviravolta. O sentimento de um lugar primacial, no sentido de original: peregrinação dos antigos gregos a Delfos, ou de um lugar essencial porque é fonte de dinamismo, emanador de forças vitais (fonte milagrosa), remete o espaço habitual de vida ao *status* de lugar secundário, numa construção ideológica, pessoal, de valores espaço-espirituais. Em outros termos, a peregrinação é passagem de um lugar superficial para um lugar tido como central e profundo. É o itinerário da topologia à cosmologia, talvez até mesmo regressão, no sentido psicanalítico, do lugar imediato e vivenciado ao cosmogônico fundamental, concebido como percorrido de linhas de forças.

Isto supõe duas coisas:

- 1) um recorte do espaço segundo um sistema de valores: lugar de territorialização e da apropriação familiar de um lado; lugar da hierofania ou da cratofania de outro. A peregrinação é um fator estruturador da vida coletiva.
- 2) uma diferenciação social marcada pela clivagem dos lugares: padres e dignatários perto dos lugares santos; camponeses e artesãos nos lugares profanos da vida cotidiana; talvez entre os dois, para evocar Dumézil, os senhores da guerra, mestres dos territórios e dos itinerários.

A peregrinação é uma espacialização emocional do desejo. Visa essencialmente a reduzir a distância entre o indivíduo e seu Deus, por meio de seu des-

locamento. Essa distância mental, ou, se podemos dizer, distância interpessoal, é pensada de modo espacial. O peregrino se aproxima do mito, do profeta, dos ancestrais ou dos deuses de seu clan. Ele deseja um contato com eles, como se a concupiscência sacralizada da proximidade motivasse o homem a percorrer as savanas e a atravessar montanhas, como se eles tivessem necessidade de uma pista do divino no espaço. Para Maurice Halbwachs, a topografia lendária dos Evangelhos na Terra Santa recupera os vestígios que avivam diferentes memórias coletivas do sagrado.

ESPECIFICIDADES AFRICANAS DA PEREGRINAÇÃO _____

Todo deslocamento no espaço com finalidade religiosa, como a peregrinação, se dá através de uma representação da ordem do universo privilegiando-se a localização do que se julga serem as hierofanias. O que ocorre ao se percorrer os diversos territórios, numa África onde a pessoa transporta consigo seus deuses protetores, onde as fronteiras não são lineares, mas se referem a um *no man land* com o aparecimento de eventualidades favoráveis ou nefastas? Aqui onde o poder político não corresponde a uma delimitação territorial de competência, ele influencia (mas como?) as representações de um espaço concebido mais pelo seu caráter social que por sua especificidade geográfica: acolhedor, incerto, hostil.

Na África tradicional, a peregrinação supõe uma passagem do macrocosmo da aldeia, lugar de existência cotidiana, ao macrocosmo do universo fundamental e envolvente, lugar da ordem e do significado (ancestral, lei, ato fundador, palavra instauradora) antes da qual só havia o caos, acaso cego e insignificante. A passagem do tempo do cotidiano

transitório para o eterno primordial também é passagem no espaço por meio do mesocosmo, dos duplos, dos poderes mágicos invisíveis, onde se produzem os êxitos assim como as ocorrências dramáticas. Neste meso-mundo das viagens de riscos e de imprevistos se estrutura o imaginário coletivo dos desejos, receios, angústias e esperanças de êxito.

Nenhum desses três mundos é especificado por uma geometria. O microcosmo, ou seja, o espaço habitualmente vivido, localizado, aculturado, organizado, não se situa nem dentro, nem fora do macrocosmo. Ele é coexistente, representa um campo de significações das coisas, de atos e de gestos, que o homem pode compreender e dominar. Mesmo que o macrocosmo mítico, divino, sagrado comporte orientações simbólicas que se enunciam parcialmente através de signos geomânticos, ele é figurado (entre os Yorubas, os Fons, os Evés) como uma cabaça dividida em dois hemisférios cuja tampa seria o céu e a copa a terra. Consideram-no mais como iminente ao real enquanto força animadora dos seres com os quais ele sempre se relaciona do que como transcendência situada num além espacializado. Quanto ao mesocosmo por onde rondam, numa floresta ou numa savana inculca, as potências fantasmáticas, os espíritos dos feiticeiros e as forças não reguladas são capazes de agir de maneira benéfica se procurarmos conciliá-las. Ele é essencialmente o não-lugar e desafia nossas concepções de distância e de proximidade no que ele admite a ubiqüidade e a metamorfose, a *retrovisão* e a *nyctalopia* dos seres-força dos quais se presume o povoar. A peregrinação é uma experiência penosa nesta zona de incertezas. A ausência de uma religião única na África faz com que a peregrinação tenda a ser muito local e efetuada a curtas distâncias. Interessa às unidades

de linhagens, entre as quais, por exemplo, existe a tradição de se consagrar ao vaudou Dan Ahidohuedo a enorme serpente morta por Appolon, e solicitar a Ouidah, no Bénin, os favores do deus protetor. O lugar de dispersão do clan ou da etnia se constitui num foco de reuniões anuais, porque os ancestrais ocupam um lugar muito importante nos cultos africanos. No Togo, por ocasião da festa de Agbobozan que dura quatro dias, a partir da primeira quinta-feira de setembro, os chefes evés e os representantes de aldeias se encontram em Notsé, berço da etnia. Durante a festa de Épé-Ekpé em Glidji, as pessoas da etnia gen, mesmo dispersas em diversos países africanos, se reencontram, segundo o ciclo lunar, no final de agosto, princípio de setembro, para festejar os deuses que foram levados de Accra por ocasião da grande migração do século XVIII, notadamente Ata Sakuma, Mama Kolé, Ata Kpésu.

Os Tussian de Burkina dirigem-se em peregrinação para um lugar onde Kéto, o demiurgo, modelador dos corpos, está representado por um amontoado de pedras. A compartimentação dos espaços étnicos, que também são espaços lingüísticos e religiosos, explica o alcance espacial limitado dos lugares sagrados e os percursos de curta distância para se chegar a eles. Enquanto a economia comercial funciona freqüentemente de maneira centrífuga sobre longas distâncias, para o abastecimento de bens raros, a religião da aldeia tem um objetivo protetor, defensivo e aparece como centrípeta. O *homo religiosus* não vai ao "diabo" para rezar seus deuses. Então porque uma possibilidade estrutural de deslocamento, ao nível de veículos culturais, de objetos materiais socializados, de pessoas à procura de um abrigo de subsistência, não estaria no nível religioso? Uma resposta nos parece plausível: esta possibilidade não

é utilizada porque ela não tem sentido. A geometria não estrutura o mundo religioso. O sagrado surge na África não importando nem onde nem quando e não implica uma exterioridade espacial.

O tipo de organização segundo as linhagens, que domina o mundo aldeão africano, é marcado por uma ética de rejeição do individualismo e de obrigações de assistência em relação à família, principalmente no trabalho. Não seria tolerado que um membro ativo ficasse ausente durante um longo período, a menos que tenha utilidade para a família (comércio, regateio de dotes, cura de doença por consulta a um curandeiro) ou uma conveniência social para marcar a unidade familiar (visita a parentes, funerais, homenagem a um chefe, simultaneamente aos deuses protetores do grupo, religião e poder sendo enormemente imbricados.) A peregrinação de *massa* se inscreve geralmente na tradição da celebração de um culto e responde a um conformismo social.

O modo de consagrar o espaço na África difere, fundamentalmente, do que se observa na Europa. As cosmogonias e as hierofanias na origem mítica das peregrinações foram elaboradas pelos autoctones conforme seus hábitos culturais de pensamento e comportamento. Daí a predominância, entre os lugares sagrados, daqueles que Durkheim, criticando Max Muller, diria estar copiando o naturismo. A divinização dos poderes espirituais a partir das forças naturais (raio, fonte, torrente, grotta, árvore gigante, rochedo, pedra elevada...), de correspondências totêmicas, ou de marcas espaciais insólitas, representa tanto ou mais, na especificação de um lugar de culto, que a valorização do humanamente glorioso (centro de dinastia, campo de vitória, túmulo de ancestral). O monumental no sentido ar-

quitetural, não se inscreve no espaço africano por falta de técnica humana apropriada, por ausência de gosto cultural em relação ao edifício e pela não resistência das construções de terra (*tatas* sudanesas), construções de madeira ou folhas às intempéries nas regiões quentes e úmidas.

Numa civilização caracterizada pela oralidade, a memória se localiza em espaços e tempos valorizados principalmente por festas, não sendo estas obrigatoriamente regulares. Também não há conselhos importantes inscritos num livro santo para peregrinar. Pragmático e atento às conjunturas, o africano sabe modificar seus hábitos em função das circunstâncias: alongar ou encurtar o período entre duas iniciações, escolher o dia para provocar tranSES, partir para longe em busca de uma divindade, ou para agradecer a um deus, somente quando as circunstâncias lhe permitem como, por exemplo, o excedente agrícola, período de paz, relações fora da aldeia. Na África, a viagem tende a ter uma multifuncionalidade. É nessa ocasião que se realiza uma peregrinação para um lugar sagrado. Desloca-se para realizar trocas econômicas de bens e de serviços, para procurar na região uma esposa para seu filho, ou seja, aproveita-se a viagem, colocando a sorte a seu favor, oferecendo, por exemplo, um sacrifício propiciatório ou votivo num lugar sagrado situado perto do itinerário.

Se a psicologia africana, sensível ao maravilhoso e ao gosto das efervecências comunitárias, constitui uma pedra na esfera do acontecimento festivo, apogeu da peregrinação, esta só se realiza em função de algumas variáveis, como por exemplo:

- **ecológicas** – deslocamentos mais fáceis nas savanas que nas florestas e montanhas isoladas

- **sazonais** – frequência de viagens no início da estação seca após a colheita;
- **biológicas** – de idade e sexo: a família tolera as partidas temporárias dos adultos machos experientes, não de jovens sob tutela. O papel secundário das mulheres nos cultos religiosos as coloca um pouco à margem das atividades dos rituais, salvo aquelas ligadas ao nascimento, casamento ou morte;
- **polemológicas** – escolha de um tempo de paz, contornando eventualmente o território de uma etnia hostil.

LINHAS DE ANÁLISE _____

1. MOTIVAÇÕES E FINALIDADES

É conveniente distinguir as finalidades da instituição de um santuário de peregrinação e as finalidades do ato peregrino em si. A instituição como em todo lugar, pode resultar do fato do príncipe ou padre sacralizarem, ao mesmo tempo que se valorizam, um mito, um lugar, ou um acontecimento histórico. Mas a instituição também pode ser resultado de um hábito adquirido pela repetição e convergência de atitudes de diversas populações. A organização eventual vem então coroar as iniciativas realizadas individualmente ou em pequenos grupos. Entre as motivações mais frequentes, sem pretender ser exaustivo, são:

- a celebração de uma festa importante num lugar historicamente privilegiado (espaço da fundação de um reino, como os Leré, entre os Moundang do Tchad) ou a dispersão de uma etnia (Tado para os Adja), fontes de grupo social de origem (festa do feijão – Ahizan reunindo os originários de Tsévié, Togo) – homenagem a uma potência revelada como

superior em relação aos homens – a peregrinação dos SESU da Guiné ao gênio Gbsikoko perto de Tumbo na península de Conakry, viagem de homenagem de vassalagem dos chefes de Moréah da Guiné ao almami perto de Timbo. Os recursos dos grupos num lugar valorizado pelos mitos enquanto hierofania: como os poços dos nômades do sahel, ou o monte Kilimanjaro para os Kikuiu do Kenya.

- consulta a uma divindade de renome (em Badougbé, no sul do Togo) a de um curandeiro ou de um taumaturgo (Atcho em Bregbo, Costa do Marfim) que propõe soluções para as dificuldades pessoais ou familiares.

2. TIPOLOGIA

O aspecto espacial do itinerário e do lugar sagrado focaliza menos a atenção que o aspecto humano: relação com outros indivíduos de um grupo, geralmente disperso, efeito de regeneração dos indivíduos por este contato com outros e com os poderes invisíveis. Três tipos de peregrinação parecem preponderantes:

- 1- **A peregrinação comemorativa** compreendendo sacrifícios, preces, libações, aparecimento das máscaras, tambores, danças celebrando mitos de fundação: Sigi dos Dogon, Agbobozan dos Evé, Epé Ekpé dos Gen. Muitos Anyi Ndenyé da Costa do Marfim se reúnem em Yakassé para a festa do inhome. Na aldeia de Kangaba em Mali o “vestíbulo de Mandé”, marcado por 266 signos, reúne todos os sete anos membros de etnias bambara, malinke, dialonke, ligados ao grupo mandé;

2- A peregrinação iniciática consiste, para um pequeno grupo de consagrados a um gênio ou uma divindade (Nana Buluku para os Ana de Atakpanamé), em reproduzir, com alguns de seus membros mais velhos, uma caminhada exaustiva para os lugares sagrados (seadi ao Ghana) onde obterão um complemento de formação esotérica e terão acesso a um estatuto superior. Para os que postulam ser padres e os ferreiros dogons, o lago Bosumtwi, em Ghana, perfurado por um meteorito, é lugar de peregrinação. Conforme os mitos, teria sido lá que a primordial bigorna de ferro teria se esmagado no chão;

3- A peregrinação terapêutica não aparece como um movimento de multidão no sentido estrito. É antes um deslocamento, seja de indivíduos, seja de delegações de aldeões a um curandeiro, uma divindade, ou um profeta, que se acreditou progressivamente na reputação eficaz de taumaturgo para apaziguar os males do corpo, do espírito ou da sociedade (brigas, epidemia, seca, fome, esterilidade). Assim, vai-se solicitar a cura ao santo de Nkamba (Zaire), Simon Kimbaugu, ou do cherif asceta de Kankan (Guiné), Fanta Madi. Milhares de peregrinos foram à aldeia de Dienn nas proximidades de Fana no Mali, quando foi descoberta em 1957 uma água miraculosa. Perto de Bobo Dioulasso em Burkina Faso, em plena savana, desce de uma falésia a cascata rodeada de uma vegetação abundante. Os casais estéreis visitam em peregrinação o lugar e besuntam o rochedo de espessa camada de manteiga de karité , sím-

bolo do óleo feminino, sobre a matriz fecundada da terra em contato com a água.

ITINENÁRIOS _____

Na África tradicional, salvo para os comerciantes, o espaço fora da aldeia é mal representado, pois é concebido como estrangeiro. Temem-se as ciladas de uma natureza hostil como feras selvagens , serpentes, rios. À fraca densidade demográfica e arriscado a não encontrar ninguém durante horas, acrescentem-se os perigos de se perder pelos caminhos não sinalizados, sem albergues nem caravanas, os riscos que se corre ao acolher um estrangeiro do qual se pode suspeitar de malfeitor apátrida, rejeitado por sua comunidade, a hostilidade das tribos muito xenófobas (Tamberma) ou dos povos violentos que por inadvertência identificam o viajante desconhecido a um inimigo, mesmo que o sentido de hospitalidade influencie em sentido inverso. Compreende-se por que na África tradicional as viagens ocorram sobretudo em pequenos grupos, com distâncias relativamente curtas, geralmente dentro de espaços controlados pela etnia a que pertence o peregrino, espaços que eles dominam e onde contam com seus habitantes salvo no caso de fraternidade mulçumana quando se vai do Senegal para a Meca.

SANTUÁRIOS _____

As problemáticas do tipo alto/baixo, centro/periferia podem ser pertinentes para a Europa, dependendo do significado que se atribui às palavras. O lugar importante, não monumental na África, não é nem alto (exceto Kakoulina ou Kilimanjaro) nem baixo, mas somente célebre, mesmo que uma revelação onírica especifique o lugar de destino de uma

viagem somente através de um símbolo: lá onde vocês encontrarão certo animal, lá onde existe uma pedra fállica erguida na base de um iroko... construindo-se somente posteriormente a celebridade do lugar.

Aqui, trata-se de um lugar primordial, considerado como original numa cosmogonia. Em um bosque perto do Monte Manengouba, os Kosi do norte dos Camarões, vêm em grupo homenagear seus ancestrais. Em outros lugares venera-se um lugar chthonien singular: baobás enormes, rios torrenciais, grotas, etc. Assim em Koumban, perto de Kamkan, na Guiné, uma árvore sagrada recebia a visita, após as colheitas, de numerosas populações que andavam mais de 50 quilômetros para vir venerá-la. As mulheres vinham fazer votos de fecundidade. Conhecemos na Nigéria a peregrinação dos Issele do Estado de Bendel ao rio Mkpitime em honra da deusa *éponyme*. E não falaremos aqui dos lugares importantes mulçumanos (grande Magal de Touba) ou cristãos (Nkamba dos Kimbanguistes)

RITOS

Geralmente na África os ritos são mais específicos para as celebrações das festas que para a peregrinação. Assim podemos observar e analisar os seguintes ritos freqüentes nas peregrinações relativas a Epé-Ekepé de Glidji, chamado também de Yéké-Yéke:

- purificação por ablução com água lustral, lançamento de álcool pelo padre, queimada no pátio do rei;
- endossamento das apostas: colares de ervas, tangas brancas, peito nu pintado de kaolin, adeptos dos vaudous;
- penitência silenciosa: extinção de rixas, respeito às proibições alimentares para todos,

abstinência das relações sexuais para os padres na véspera das cerimônias;

- preces vocais e corporais: cantos litânicos, repostas em voz alta às preces dos padres, braços erguidos, prosternações, danças sagradas;
- procissão nos lugares de culto com circunambulação, significando a tomada de posse de um espaço sacralizado;
- propiciatório: por libações, oferendas votivas, sacrifícios de animais;
- participação por contigüidade: toque da pedra sagrada, água, santuários;
- consumo do alimento do sacrifício feito em comum (yéké-yéke) sendo uma parte reservada para os ancestrais;
- espera do sinal (cor da pedra sagrada), do milagre e do extraordinário (transe e profecia);
- ritos de inversão, de fechamento da festa por uma transgressão simbólica das proibições, mas com a volta às regras cotidianas imediatamente após.

TEMPORALIDADES

A peregrinação em Glidji, como também a que se verifica em Notsé, em Togo, ocorre todos os anos, a iniciação do Ana em Seadi (Gana) todos os três anos, e o Sigi dos Dogon a cada sessenta anos. A periodicidade, a duração da viagem e da permanência, a popularidade da peregrinação, variam segundo os lugares e as conjunturas históricas. Em alguns lugares a gênese da peregrinação é uma decisão das autoridades civis ou religiosas, em outros trata-se de um hábito que se criou progressivamente como em toda a Baixa Costa do Marfim ir festejar o primeiro de novembro em Bregbo, onde o profeta Atcho, acompanhado dos chefes das águas das al-

deias associadas, de membros de governos e de europeus, pronuncia discurso, assiste a paradas, vai a banquetes, refazem-se as decorações (dia tergal). O dia dois de novembro é dançante (dia da tanga). No dia três, procissões, sermões, preces e bênçãos constituem a trama deste dia onde se manifesta a fé harriste (dia percal). As confissões e ações terapêuticas individuais verificam em seguida.

Resumindo, na África como em outros lugares, toda peregrinação aparece como um deslocamento no espaço com o objetivo de encontrar o sagrado num ambiente excepcional e muitas vezes após uma prova física. A realização de ritos definidos é a condição para a aquisição de favores divinos e de distinções sociais na volta à sociedade de origem. A abertura para o espaço e para o transcendente, a imersão numa ordem cósmica e os ritos de purificação e de propiciação têm efeitos de confirmação da fé e reposição das energias vitais.

Mas na África Negra, por causa do culto doméstico dominante, da multiplicidade de religiões pró-

prias a uma etnia ou a um clan, os roteiros de peregrinação se inscrevem num espaço limitado, etapas com abrigos organizados e sem um santuário monumental. Os lugares sagrados se situam onde o fenômeno da natureza parece extraordinário, onde os mitos ou a história ressaltam que um certo ancestral glorioso repousa ali ou que foi percebida uma hierofania. O gosto por reuniões festivas, a sensibilidade africana pelo maravilhoso, a memorização dos tempos marcantes como pontuação do cotidiano nas culturas orais, de animismo e de grande solidariedade, favorecem a ritualização da vida coletiva. Na viagem do tipo religioso, as finalidades comemorativas, iniciáticas e terapêuticas dominam.

NOTAS

- 1 Publicado originariamente como *Répresentation de l'espace dans le Pelerinage Africain Traditional*, em *Ethnogéographies*, organizado por Paul Claval e Singaravelou. Paris: L'Harmattan, 1995, pp-137-148. Tradução: Maria Lúcia Maia Nóbrega.